

A Compreensão Emocional da Morte pela Criança: Resposta ao Artigo de Silva *et al*

Children's Emotional Understanding of Death: Response to Silva *et al* Paper

Palavras-chave: Atitude Perante a Morte; Criança; Investigação; Psicologia da Criança

Keywords: Attitude to Death; Child; Psychology, Child; Research

Caro Editor,

Lemos com interesse o artigo de Silva *et al*¹ e compreendemos a necessidade de discussão e investigação sobre a 'dimensão esquecida' da compreensão emocional da morte pela criança. Este é um tema relevante, que nos convida a uma dupla obrigação: a moral e a científica. A primeira, porque 'vida, morte e perda, e ser criança' pertence-nos a todos; a segunda, porque investigar é a forma honesta de aclarar opacidades sobre o que nos rodeia, permitindo abertura e progresso. Assim, consideramos importantes algumas reflexões.

Admitir entre nós o sentir da criança perante a morte abre uma oportunidade de desenvolvimento à nossa sociedade tanato-fóbica. O *homo clausus* de Norbert Elias² (característico das sociedades contemporâneas ocidentais) é representado como incapaz de proporcionar uma sensação de proteção e pertença a um moribundo, eventualmente arrastando também para o seu *clausus* a criança que sente a vida e o morrer. Será, porventura, neste quadro, que se sustentam os dados da investigação que mostram que os adultos interrompem e interferem quando a criança traz o tema da morte, por exemplo, para o seu jogo espontâneo?³

Necessitamos conhecer a criança face à morte: não só o que compreende e como representa, mas como pensa, como sente. E nós – pais, comunidade, educadores, inves-

tigadores – necessitamos de devolver à criança a tranquila permissão para que sinta e pense no seu tempo, numa mudança radical de paradigma onde é aceite no seu todo e é presença confirmada também no seu olhar sobre a finitude.

Assim, estudar a emoção da criança face à morte é construir de forma melhorada os seus cosmos: o micro, o meso e o macrocosmos. Fazê-lo é completar também o conhecimento do *cosmos* de todos os adultos e não apenas por curiosidade científica – é um importante reflexo de maturidade societal, que modifica o seu olhar sobre a morte, tomando o mundo da criança como lente essencial para o futuro. Quem sabe seja esta mais uma peça que permita recuperar a presença natural da morte ocupada outrora, por força de um olhar conjunto, partilhado e sem exclusões, onde velhos, crianças, adolescentes vejam investigado o que sentem sobre o ciclo vital que lhes pertence. Este não é um assunto exclusivo de nenhuma idade, senão de todas.

O estudo de Silva *et al*¹ traz-nos conclusões na voz da criança: fala-nos da dimensão cognitiva 'os pais deveriam informá-la' e também da emocional, sobre como 'a criança se sentiria triste', ambas integrando a natural e completa forma de pensar e sentir, viver. Estes primeiros dados nacionais, são – quem sabe? – um novo passo para 'unir' a história da investigação sobre este tema, abrindo alas para o muito que ainda há que explorar.⁴

Por isso, urge manter o esforço em investigar o que sente e o que pensa a criança quando perde ou vê perder, criando-lhe um lugar 'honest[o], concret[o] e sem termos ambíguos', enfrentando a estranheza e o medo. Este será um caminho essencial para que se conheça também o que sentem e pensam todas as idades sobre o fim das suas vidas e das vidas dos que amam, para benefício de todos, do presente e do futuro.

REFERÊNCIAS

1. Silva FM, Lopes AF, Carneiro V, Campelo A. Compreensão emocional da morte pelas crianças em idade pré-escolar: uma dimensão esquecida. *Acta Med Port.* 2020;33:649-56.
2. Elias N. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001.
3. Hill M, Wood E. 'Dead Forever': an ethnographic study of young children's interests, funds of knowledge and working theories in free play. *Learn Cult Soc Interact.* 2019;23:100292.
4. Slaughter V. Young children's understanding of death. *Aust Psychol.* 2005;40:1-8.

Miguel JULIÃO✉¹, Filipa FARELEIRA^{2,3}, Maria Raúl XAVIER⁴, Ana Teresa BRITO^{5,6}

1. Equipa Comunitária de Suporte em Cuidados Paliativos de Sintra. Sintra. Portugal.
2. Center for Health Technology and Services Research. University of Porto. Porto. Portugal.
3. Department of Community Medicine, Information and Health Decision Sciences. Faculty of Medicine. University of Porto. Porto. Portugal.
4. Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano. Faculdade de Educação e Psicologia. Universidade Católica Portuguesa. Porto. Portugal.
5. Departamento de Educação. Centro de Investigação em Educação (CIE – ISPA). ISPA - Instituto Universitário. Lisboa. Portugal.
6. Fundação Brazelton Gomes-Pedro para as Ciências do Bebê e da Família. Lisboa. Portugal.

Autor correspondente: Miguel Julião. migueljuliao@gmail.com

Recebido: 04 de fevereiro de 2021 - **Aceite:** 04 de fevereiro de 2021 - **Online issue published:** 01 de abril de 2021

Copyright © Ordem dos Médicos 2021

<https://doi.org/10.20344/amp.15875>

